



O PAPEL DA ESCOLA BÁSICA COMO AGÊNCIA PROMOTORA DO LETRAMENTO DIGITAL

Andréa Lourdes Ribeiro¹

RESUMO

O presente estudo procura conhecer o papel da escola básica como agência de letramento digital. O objetivo deste estudo é investigar a prática pedagógica dos professores nos laboratórios de informática, analisando a metodologia empregada e as dificuldades encontradas para ministrar aulas que empreguem os recursos da informática. Essa pesquisa toma como referencial o conceito de nova cultura, definida por Lévy (1999) com o termo *cibercultura* que postula a necessidade do letramento digital como uma nova habilidade que surge da interconexão mundial entre os computadores com o crescimento do *ciberespaço*. Os resultados da pesquisa revelaram que a escola básica pouco auxilia no desenvolvimento do letramento digital, uma vez que os professores subutilizam os laboratórios de informática e demonstram ter ainda pouca familiaridade com as tecnologias digitais e clareza quanto à metodologia utilizada para esta ferramenta. Conclui-se, então, que é preciso investir mais na formação e capacitação dos professores para que a escola básica se constitua efetivamente num local privilegiado para a formação e o desenvolvimento do letramento digital.

Palavras-chave: *Letramento Digital – Escola Básica – Formação Professores*

1. Mudanças sociais do século XXI

As transformações científicas e tecnológicas ocorridas a partir do fim do século XX e em constante evolução no XXI têm gerado mudanças sociais de extrema importância, caracterizando a sociedade contemporânea pelo uso cada vez maior das tecnologias na organização das mais diferentes práticas sociais (cf. XAVIER, 2008).

De acordo com Corrêa (2008) a sociedade atual vive uma mudança de paradigma decorrente da internacionalização do mercado, do processo de globalização e

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG; andrearibeiro2004@yahoo.com.br

das transformações das tecnologias de informação e de comunicação. Essas sociedades determinam como bem necessário ao cidadão moderno o consumo de tecnologia cada vez mais avançada e criam no imaginário coletivo social a idéia de que melhores recursos tecnológicos garantem melhor ensino-aprendizagem, embora muitos estudos venham demonstrando que essa não é necessariamente uma verdade.

Em decorrência do processo contínuo e crescente de globalização, observamos a cada dia grandes modificações nas relações sociais: no setor produtivo tem ocasionado a diminuição de postos de trabalho assalariado e a proliferação de trabalho informal, em domicílio e autônomo; no setor econômico há um aumento na demanda de conhecimento tecnológico e habilidades inovadoras por parte das empresas, acompanhada de uma crescente terceirização.

As mudanças sociais advindas da globalização já haviam sido anunciadas pelo Livro Verde² (2000, p.6):

A Sociedade da Informação está sendo gestada em diversos países. No Brasil, Governo e sociedade devem andar juntos para assegurar a perspectiva de que seus benefícios efetivamente alcancem a todos os brasileiros. O advento da Sociedade da Informação é o fundamento de novas formas de organização e de produção em escala mundial, redefinindo a inserção dos países na sociedade internacional e no sistema econômico mundial.

Todas essas modificações geram uma cultura da globalização que traz, além das econômicas, implicações nos âmbitos familiares, educativos e culturais. Neste novo contexto social, a busca por uma sociedade produtiva e justa para coletividade tem como ponto principal a formação de um cidadão do mundo, um sujeito que seja capaz de articular os contextos local e global. A formação de tal sujeito impõe também que esse se aproprie das novas tecnologias da informação e da comunicação, e que busque autonomamente ampliar suas habilidades de acessar informações, assim como as de selecionar, produzir e distribuí-las.

A revolução tecnológica atual é também responsável pela inserção de computadores em praticamente todos os setores da sociedade contemporânea. O desenvolvimento tecnológico proporciona milhões de pessoas acessar arquivos e programas de computador, navegar na *internet*, retirar dinheiro em caixas eletrônicos, enviar e receber informações pela WEB, etc. Todas essas novas práticas sociais

² O Livro Verde é uma publicação do Ministério da Ciência e Tecnologia que contém as metas de implementação do Programa Sociedade da Informação e reúne de forma consolidada as possíveis aplicações das Tecnologias da Informação em todas as áreas da sociedade.

implicam em leituras de mundo totalmente diferentes da que eram conhecidas há pelo menos cinco décadas. Xavier (2008) afirma que o aumento contínuo e gradativo de usuários da rede tem levado a sociedade a ler e a usar mais a escrita, atitude essa que pode inclusive ser responsável pelo desenvolvimento inconsciente da escrita pelos usuários da *internet*, uma vez que estes estão a todo o momento teclando/escrevendo e escrevendo/teclando, ou seja, estão em constante articulação de esforços para que o texto produzido alcance o fim proposto que é a comunicação interativa. Concluímos então que desse novo contexto de tecnologia digital emerge uma sociedade que lida com o computador e desenvolve continuamente habilidades consideradas básicas hoje em dia tais como acessar e-mail, navegar na *internet*, dominar programas como Word e Power Point, ler e produzir textos, criar e manipular arquivos, fazendo *upload* e *download* deles, dentre outras.

Diante de todas essas mudanças tecnológicas a escola como agência social responsável por promover múltiplos letramentos tem que estar inserida e inserir as novas tecnologias de informação e comunicação em suas práticas pedagógicas. Assim, para acompanhar constantes as transformações científicas e tecnológicas, é preciso que a escola invista continuamente no acesso e no uso dos computadores em toda a educação básica por dois motivos fundamentais: para dar oportunidade aos que não possuem computador em casa e precisam aprender a usá-lo; para promover a apropriação das tecnologias da informação e da comunicação, formando cidadãos preparados para atuar crítica e conscientemente nas diversas práticas que a sociedade atual demanda.

Essa nova realidade social apresenta para a escola as seguintes perguntas: o que está sendo feito para desenvolver nos alunos da educação básica as habilidades necessárias para lidar com as todas as transformações tecnológicas? Como a escola está pensando e ensinando a utilização da diversidade de suportes e de ferramentas de acesso à informação? Como a interatividade e a multimodalidade inerentes a nova natureza do texto no computador estão sendo concebidas e ensinadas? Como os alunos estão aprendendo a lidar com os novos gêneros digitais que agregam recursos de ambientes hipermídia e por isso demandam diferentes maneiras de ler e escrever?

As respostas para algumas dessas indagações foram buscadas nesse estudo, que busca conhecer como a escola está promovendo a inserção e o uso do computador em sala de aula.

2. A educação na sociedade da informação

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e de informação e sua crescente utilização no contexto social nos remetem à necessidade premente de que a escola tem de estar atenta e aberta para as mudanças que a digitalização da sociedade exige na busca da economia globalizada e da cultura mundializada e que constituem novos desafios para a socialização das novas gerações, afinal “a educação é cobrada a comprometer-se com o desenvolvimento de competências para o uso da ciência e tecnologia, resolução de problemas e novos contextos” (cf. SOARES, 2000, p.77).

A concepção de educação pautada no treinamento e na memorização de informações está totalmente ultrapassada na sociedade da informação. Por isso é preciso que as escolas trabalhem com concepções de aprendizagem que ultrapassem o modelo de que há um alguém para ensinar, detentor do saber, e outro(s) para aprender. Para o uso das tecnologias de informação e comunicação, cabe à educação investir na autonomia e no desenvolvimento de competências suficientemente amplas que permitam ao sujeito

Ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para “aprender a aprender”, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica. (LIVRO VERDE, 2000, p. 71).

Vimos assim que formar cidadãos significa dar acesso à informação e ao conhecimento, de forma a preparar as pessoas para a escolha informada em todos os aspectos da vida em sociedade que as afetam.

E a escola de ensino básico, como se posiciona diante dessa revolução digital? Lévy (1999, p.17) alerta para a necessidade da escola se modificar diante da troca de paradigmas para a construção do saber:

Estamos saindo de uma formação institucionalizada (escola, universidade) para uma situação de troca generalizada de saberes, (...) para chegar a essa cultura planetária, a escola precisa assumir um papel fundamental: criar modelos de aprendizagem em que o professor seja um ‘animador da inteligência coletiva’ do grupo de alunos e não mais um fornecedor de conhecimentos.

Ao pensarmos nesse novo tipo de professor o “animador da inteligência coletiva” é preciso também pensar na formação profissional desses e refletir: como os

professores estão sendo formados nos cursos superiores de licenciatura? Quais competências e habilidades voltadas para a apropriação das novas tecnologias de informação e comunicação e sua incorporação nas práticas pedagógicas? E mais, quais as condições de trabalho e de suporte tecnológico que efetivamente os professores encontram nas escolas? Esse contexto “de troca generalizada de saberes” implica igualmente, como afirma Lévy (1999), que cada cidadão esteja habilitado a fazer prosperar essas competências e habilidades ao longo da vida, aliando tempo de trabalho e de estudo, buscando acesso a novas informações e aprendizagens. Sendo assim torna-se tarefa da escola, e em especial do professor, criar uma consciência de mudança nos processos de aprendizagem, de modo que a educação possa ser aliada ao uso das novas tecnologias, e de busca autônoma e constante do saber.

Como o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação, em especial do computador e da internet, demanda intimidade com as redes eletrônicas que apresentam informações dispersas e heterogêneas e possuem diferenciação no desenho das telas de apresentação e na de estruturação do texto na tela do computador se comparados ao texto impresso, é preciso investir na familiarização com os ambientes virtuais. Assim, para a plena inserção das atuais tecnologias de comunicação e de informação nos espaços escolares, primeiramente devemos considerar: que espaços a escola possui para prática pedagógica como o computador? Qual o grau de conhecimento que professores e alunos têm da tecnologia digital? Qual o uso que fazem do computador e em especial da internet na escola?

3. Práticas pedagógicas em ambientes virtuais: o letramento digital

As intensas transformações proporcionadas pela chegada das tecnologias de comunicação e informação exigem novas habilidades para as práticas de leitura e de escrita possibilitadas pelo computador e pela WEB diferentes das práticas de leitura e escrita existentes na cultura da escrita no papel.

Segundo Chartier (2002) o texto na tela pode ser considerado uma revolução do espaço da escrita, que altera fundamentalmente não só a relação do leitor com o texto, mas as maneiras de ler e os processos cognitivos. A representação digital da escrita gera mudanças na condição do texto, substituindo a materialidade pela imaterialidade sem espaço definido, nas relações de proximidade estabelecidas com o

objeto impresso, na captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém. Todas essas mudanças implicam em novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais, trazendo diferentes formas de acesso à informação e principalmente de novos processos cognitivos, ou seja, um novo tipo de letramento, entendido como um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela.

A relação entre a sociedade e as novas tecnologias digitais proporciona o surgimento de uma nova cultura, definida por Lévy (1999, p.17) com o termo *cibercultura* entendido por este autor como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do *ciberespaço*”, também denominado pelo autor de rede. Lévy afirma ainda que a cibercultura é responsável por estabelecer novas relações com saber, uma vez que “o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais, que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas” (LÉVY, 1999, p. 57) tais como a memória, a imaginação, a percepção, os raciocínios. Isso porque estamos continuamente lidando com bancos de dados, arquivos digitais, realizando simulações, visitando realidades virtuais, desenvolvendo inteligências artificiais, dentre outras.

Para ser cidadão da cibercultura, o novo sujeito social precisa dominar a tecnologia da escrita, ser alfabetizado, mas precisa principalmente fazer uso frequente e competente da leitura e da escrita, ou seja, desenvolver habilidades para construir sentidos seja através da prática de leitura seja da escrita. Em síntese, precisa ser letrado.

O termo *letramento* surgiu no final do século XX, gerado pelas grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas mundiais que, forçaram a ampliação do conceito tradicional de alfabetização para o de letramento, entendido como “a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita incorporando as práticas que as demandam” (SOARES, 2002, p. 145). Tendo em vista os diferentes contextos em que podemos encontrar o texto escrito, é importante ressaltar que não existe o letramento e sim, ‘letramentos’, pois nesta perspectiva a tela do computador, por exemplo, constitui um novo suporte para a leitura e escrita. Nessa ótica, o letramento tradicional se diferencia do letramento digital na medida em que este último direciona “as práticas de leitura e da escrita digitais, na cibercultura, de modo diferente daquele como são conduzidas às práticas de leitura e de escrita quirográficas e topográficas”. (SOARES, 2002, p.146).

Seguindo a mesma concepção teórica, Lévy (1999, p.17) postula que o letramento digital constitui-se de um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem como um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial entre os computadores e com o crescimento do ciberespaço. A partir desses conceitos, pressupõe-se que ser letrado digitalmente significa modificar os modos de ler e escrever a materialidade verbal e não-verbal (imagens, desenhos, símbolos, ícones, gráficos, etc.) além de compreender as diferenças impostas pelo suporte digital, ou seja, “saber utilizar as TICs, saber acessar informações por meio delas, compreendê-las, utilizá-las e com isso mudar o estoque cognitivo e a consciência crítica e agir de forma positiva na vida pessoal e coletiva” (SILVA et al, 2005, p.33).

Nesta perspectiva, o letramento digital só terá efeito quando as pessoas desenvolverem a competência em informação, ou seja, souberem manejar a informação para produzir conhecimento, pois de acordo com Neves (s.d), a maior dificuldade para a inserção das TICs na educação não está na falta de equipamento, mas sim na dificuldade de assimilação de uma grande quantidade de informações e na subutilização da diversidade de suportes e de ferramentas de acesso. Ainda segundo esta autora, para se adquirir a competência em informação é preciso que as pessoas sejam capazes de compreender como se:

- organiza o conhecimento;
- encontra, se interpreta e se seleciona a informação;
- usa a informação para conduzir seu próprio aprendizado;
- usa a informação para construir conhecimento coletivamente.

Vê-se assim que o letramento digital ultrapassa as habilidades necessárias para construção de significados em gêneros textuais que mesclam palavras, imagens e sons; e inclui outras habilidades como as de localização, de seleção, de avaliação e de produção crítica de informações disponibilizadas na rede. Como o letramento digital já é uma necessidade social, é preciso a inclusão urgente em todos os espaços educacionais, principiando da educação básica, de práticas pedagógicas que visem a esse fim, ou seja, que trabalhem novas maneiras de ler, de escrever em ambientes digitais multimodais, de manusear crítica e constantemente as informações e de usá-las para a construção individual e coletiva do conhecimento.

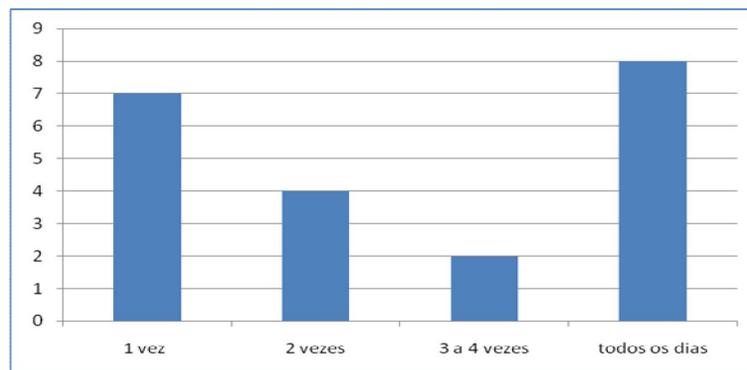
Tomando como premissa básica todas essas considerações, esse estudo procurou investigar como e de que maneira as escolas da educação básica, tanto da rede pública quanto da particular, estão promovendo o letramento digital.

4. Práticas pedagógicas em ambientes virtuais: o que a escola está fazendo?

Para conhecer o papel da escola básica como agência de letramento digital, procuramos por meio de questionário e de entrevista estruturada investigar a prática pedagógica dos professores nos laboratórios de informática. Para tal coletamos informações de 24 escolas do ensino básico tanto da rede particular como a pública³. O questionário teve como objetivo verificar que tipo de trabalho o professor realiza nesse espaço, quais metodologias emprega para o uso dos computadores e para o manuseio da informação, como trabalha as semelhanças e as particularidades dos gêneros virtuais, as dificuldades encontradas para a prática pedagógica no laboratório de informática. A entrevista procurou esclarecer e complementar oralmente as respostas dadas ao questionário pelos professores que se dispuseram a colaborar com essa pesquisa.

Os dados coletados revelaram primeiramente que das 24 escolas pesquisadas apenas 21 utilizam o laboratório de informática. Isso porque 2 delas não possuem laboratório, e na outra, esse espaço não é utilizado pelos seguintes motivos: os computadores são precários e não há manutenção constante dos equipamentos, o professor tem muito conteúdo para ministrar em sala e sobra pouco tempo para aulas no laboratório. Quanto à frequência de uso, as respostas dadas pelos professores das 21 escolas pode ser acompanhado no Gráfico 1:

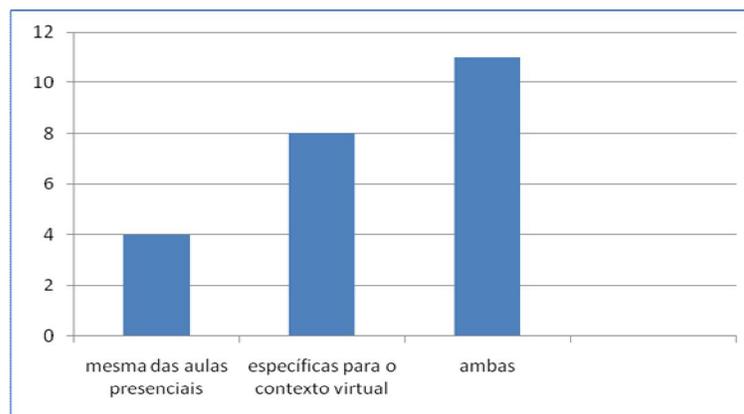
³ Os questionários foram aplicados aos professores das séries finais da educação básica, a saber, de 5ª. a 8ª. séries e Ensino Médio.

Gráfico 1 – Frequência de uso pela escola do laboratório de informática

Para surpresa nossa, 34% dos professores relataram o laboratório de informática é utilizado na escola todos os dias para a realização de diferentes atividades didáticas, seguido de 29% que usam 1 vez por semana. A alta frequência de uso encontrada revela que os professores têm procurado inserir o computador em suas práticas pedagógicas. Regularidade essa, acreditamos, ser altamente positiva para a familiarização dos alunos com o ambiente digital. No entanto a disparidade dos dados de maior frequência, de 1 vez por semana para todos os dias, nos revela que embora haja escolas que maximizam o uso do computador nas aulas de diferentes disciplinas, há outras que ainda fazem um uso tímido desse espaço. Questionados sobre a utilização do laboratório apenas uma vez por semana, os professores esclareceram que a falta de manutenção dos computadores, a demora para carregar os sites e o tempo curto de aula (50 minutos) são alguns dos fatores que desmotivam o uso desse espaço escolar. Além disso, alguns disseram enfrentar ainda restrição de aulas nos laboratórios imposta pelo diretor ou supervisor.

A frequência de uso do laboratório levou-nos então a pesquisar que tipo de metodologia o professor emprega na criação e desenvolvimento das atividades realizadas nesse espaço escolar. Vejamos a seguir no Gráfico 2 o que os professores declararam sobre a metodologia da prática pedagógica para atividades realizadas no computador.

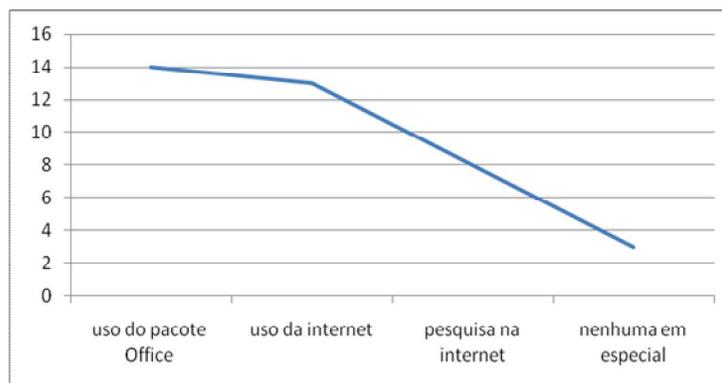
Gráfico 2 – Metodologia empregada no desenvolvimento das atividades no laboratório de informática



Pelos dados apresentados no gráfico, o alto índice de escolha da opção “ambas” (metodologias) demonstra que os professores ainda não têm clareza do que significa desenvolver atividades em ambientes virtuais. Isso porque atividades no computador que visem à promoção do letramento digital requerem metodologias específicas para o contexto virtual. Infelizmente grande parte das atividades que vimos ser aplicadas pelos professores no laboratório de informática eram simplesmente transpostas da prática presencial para o digital sem o devido cuidado metodológico. O que se fazia no laboratório era apenas ler, produzir textos e pesquisar, ou seja, nada diferente das práticas pedagógicas rotineiras do ensino presencial, metodologias essas que focavam a memorização e a reprodução do conhecimento. Não presenciemos metodologias que favorecessem a descoberta, a redefinição nem a produção individual e/ou coletiva do conhecimento.

A elaboração de atividades para uso no laboratório de informática demandou dessa pesquisa investigar que atividades os professores realizam no laboratório de informática. O gráfico 3 registra os diferentes tipos de atividades aplicadas:

Gráfico 3 – Tipo de trabalho realizado pelo professor no laboratório de informática



Perguntados sobre o tipo de trabalho que desenvolviam com os alunos no laboratório de informática, os professores pesquisados afirmaram desenvolver em maior proporção atividades de uso do pacote Office e da internet. Como atividades de uso do pacote Office, declaram utilizar para diferentes finalidades didáticas a editoração de textos em Word, preparação de slides em Power Point, produção de gráficos e tabelas em Excel, dentre outras. As de uso da internet estão ligadas ao acesso a blogs e a sites diversos, sempre com o direcionamento específico do professor. Já as atividades de pesquisa são livres, ou seja, o aluno é responsável não só pela busca, mas também pela seleção e uso da informação para conduzir seu próprio aprendizado e para construir conhecimento coletivamente. E há momentos em que os alunos estão livres no laboratório para realizar atividades diversas online tais como acessar e-mails, vídeos do Youtube, preparar trabalhos, pesquisar, etc.

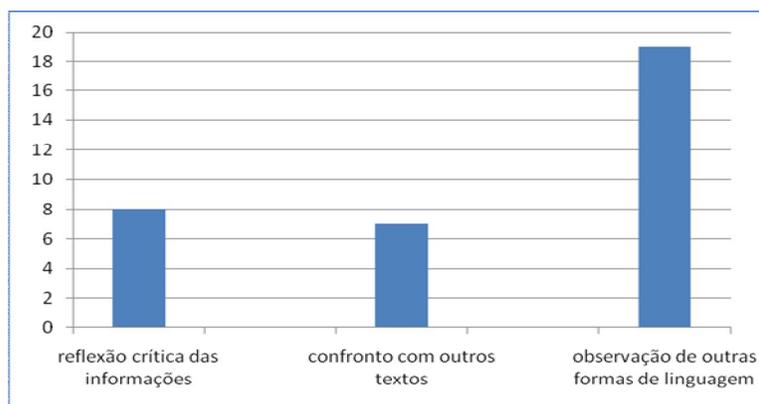
Essa seleção variada de atividades executadas pelos professores no laboratório de informática constitui num grande avanço e contribuição para o letramento digital da comunidade escolar, pois proporcionam a aquisição e o desenvolvimento de inúmeras habilidades. Para citar algumas, as atividades de uso do pacote Office contribuíram para habilitar o sujeito ao uso do mouse e do teclado, conhecendo as ações e os comandos realizados por eles. A produção de textos na tela proporcionou ao aluno a utilização de novos recursos para a escrita, tais como a escolha de novas fontes, com formas, tamanhos, cores diversas e o emprego de diferentes linguagens por meio dos recursos de áudio, imagem e movimento. O uso da internet, seja ela direcionada ou não, habilitou o aluno para a navegação entre as telas, capacitando o sujeito a localizar, selecionar e avaliar as informações disponíveis na rede. Embora fossem vistas aulas no

laboratório em que era possível ao aluno acessar blogs e e-mails, os professores deixaram de trabalhar nessas habilidades relacionadas à interação do aluno com outros usuários da rede. Da mesma forma não foram vistas atividades de avaliação e de produção crítica de informações disponibilizadas na internet.

É importante lembrar que como a maior parte das escolas não permite acesso de alunos às Salas de Bate-papo, a sites relacionados com compra e venda de bens e de serviços, a jogos em rede, dentre outros, os alunos que não possuem outra forma de acesso ao computador e à internet têm reduzidas as possibilidades de desenvolver habilidades específicas de interação e colaboração coletiva necessárias ao uso desses sites no contexto social.

A observação das diferentes atividades desenvolvidas pelos professores no laboratório de informática levou-nos a também verificar o trabalho que o professor realizava com os gêneros digitais. Vejamos no gráfico 4 os dados colhidos nessa pesquisa.

Gráfico 4 – Trabalho do professor com os gêneros digitais



Ao responder o questionário, os professores declararam ser mais comum nas atividades desenvolvidas no laboratório de informática a observação de outras formas de linguagem, ou seja, de examinar a materialidade verbal associada à não-verbal no texto escrito tais como imagens, desenhos, símbolos, ícones, gráficos, etc. Embora muitos declarem trabalhar com a reflexão crítica das informações e o confronto com outros textos esta pesquisa revelou que tais práticas consistem em apenas comparar as informações obtidas em fontes diferentes. Para essas duas últimas práticas, o que se buscava saber era se o professor refletia sobre: a confiabilidade das informações, a maneira como eram formuladas e com que objetivo eram disponibilizadas na rede.

5. Contribuições da escola básica para o letramento digital

Constatamos com esse estudo que a escola básica já deu um grande passo para a busca do letramento digital. O uso constante do laboratório de informática para a aplicação de diferentes atividades didáticas realizadas com o computador e a internet são responsáveis por inserir o aluno na cibercultura e por favorecer o desenvolvimento de habilidades que os capacitam para a leitura e a escrita no ambiente virtual. Essas práticas contribuem para a compreensão do aluno das diferenças impostas pelo suporte digital, capacitando-o a utilizar as tecnologias digitais, a acessar informação por meio delas, compreendendo e utilizando as informações de forma positiva na vida pessoal e coletiva.

Embora, nas escolas pesquisadas, haja práticas pedagógicas que promovem a leitura, a produção escrita e a pesquisa em ambientes virtuais, pouco se tem feito para formar nos futuros cidadãos habilidades do letramento digital relacionada às novas maneiras de ler, de escrever em ambientes digitais multimodais; ao manuseio crítico e constantemente das informações; ao uso dessas últimas para a construção individual e coletiva do conhecimento; a interagir com outros usuários da rede para os mais diversos fins.

Tomando como base a concepção de que o letramento digital constitui-se de um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores, o exame aqui empreendido das práticas pedagógicas em ambientes virtuais desenvolvidas pelos professores da escola básica revelou que a escola tem promovido um letramento digital restrito. Essa restrição deve-se em parte ao tipo de incorporação que os professores fazem do suporte digital, ou seja, como muitos não tiveram acesso ao letramento digital na formação profissional, os mesmos não possuem técnicas suficientes e metodologias adequadas para incorporar o computador e a internet nas práticas pedagógicas, de modo a contemplar o desenvolvimento de todas as habilidades e competências pertencentes ao letramento digital.

Por outro lado, é preciso considerar que a escola básica não promove integralmente o letramento digital devido às condições de trabalho encontradas pelo professor para o uso dos laboratórios de informática. Vimos assim que os modos de pensar e os valores atribuídos ao computador e à internet pela escola básica ainda estão muito distantes do pensamento e dos valores dados a esses pela sociedade atual.

Este estudo verificou que a escola tem exercido um importante papel na promoção ao acesso e ao uso do computador e da internet, mas faltam ainda à educação básica professores que possuam mais familiaridade com as tecnologias digitais e clareza quanto à metodologia mais adequada para a utilização desse suporte em contexto escolar. Assim para um desempenho efetivo na conquista do letramento digital nesse nível de escolaridade, esta investigação conclui que é preciso investir mais na formação e capacitação dos professores para que a escola básica se constitua efetivamente num local privilegiado para a formação e o desenvolvimento do letramento digital. Só assim poderemos reverter à afirmação de Ribeiro & Rocha (2007) de que o letramento digital tem sido adquirido muito mais nos cursos livres, nas Lan House ou em casa do que na escola básica que, como revela também esta pesquisa, ocupa o último lugar no *ranking* das agências de letramento digital.

Referências

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

CORRÊA, Juliane. Planejar e avaliar em programas de educação a distância. In _____ Curso de especialização em educação a distância, Pós – Graduação Lato-Sensu. Rio de Janeiro: E-Book 1 **Cenário Atual de EAD**. Centro de Produção de Rádio e Televisão, Divisão de Operações – Senac Nacional, 2008, p. 33-43.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEVES, Tereza Cristina Fagundes. **Virtualização e processo educativo**: a tecnologia a serviço da aprendizagem. (s.d.) Disponível em <<http://www.se.pjf.mg.gov.br/escolas/cosette/artigos/artigo1.doc>> Acesso em: 15.06.2008

RIBEIRO, Ana Elisa & ROCHA, Jorge. Letramento digital de estudantes universitários: estudo de caso. In: **Informática pública**. Belo Horizonte: PRODABEL, ano 9, no. 2, dez 2007, p. 29-36.

SILVA, H. et al. Inclusão digital e educação par a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. In: **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.34, n.1, p.28-36, jan./abr.2005.

SOARES, S.G. **Arquitetura da identidade**: sobre educação, ensino e aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

TAKAHASHI, Tadao (org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18878.html>. Acesso em 01/04/2010

XAVIER, Antonio Carlos. **Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet**. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Reflex%20es%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20g%EAneros%20digitais.pdf>. Acesso em: 02/05/2008

THE ROLE OF PRIMARY SCHOOL AS AGENCY OF PROMOTER DIGITAL LITERACY

ABSTRACT: This study seeks to understand the role of schools as a basic digital literacy agency. The aim of this study is to investigate the pedagogical practices of teachers in computer labs, analyzing the methods employed and the difficulties in teaching classes that employ computer resources. This research takes as reference the new concept of culture as defined by Levy (1999) with the term *cyberculture* that posits the need for digital literacy as a new skill that comes from the global interconnection between computers with the growth of *cyberspace*. The survey results revealed that the basic school bit helps the development of literacy, since teachers underutilize the computer labs and demonstrate yet have little familiarity with digital technologies and clarity about the methodology used for this tool. It follows then that we must invest more in education and training of teachers for the elementary school is effectively constitutes a privileged site for the formation and development of digital literacy.

Artigo recebido em: 14/06/2010

Artigo aprovado em: 08/07/2010